

## EXPECTATIVAS PASTORAIS SOBRE UM MINISTRO DE MÚSICA

*Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho para o Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, em abril de 2006*

Nas palestras anteriores caminhei pela área bíblico-teológica. Nesta, desejo perambular pela área da vida pessoal, com parte de cunho devocional. Faz parte do que me propuseram, dentro do elenco de assuntos. Sem desejar enquadrar alguém, falo sobre as expectativas pastorais em relação ao ministro de música. Já ouvi bastante sobre o que esperam de um pastor. Algumas expectativas são corretas, e humildemente, procuro corresponder a elas. Outras são idealistas e tento, no que é possível, atendê-las. Outras são simplesmente irreais. Deixo-as de lado. No que agora digo, procuro me expressar com sinceridade e com coração aberto. Serei idealista naquilo em que o termo alude aos anseios, mas sem ser irreal. Ponderem sobre tudo e aceitem o que julgarem correto. Mas creio que não estou sendo absurdo no que exponho. Nem piegas. Procuro, com experiência pastoral de 34 anos e meio e de trabalho com alguns ministros de música, sempre relacionando-nos muito bem, sinalizar alguma coisa que vejo partir de outros pastores e das igrejas. Falo por mim, mas tenho certeza de que minha fala é endossada por muitos outros. Porque ouço, vejo e interpreto. Sei assimilar e sei descartar o que jugo sem mérito.

O que espera um pastor de uma igreja local de um ministro de música, particularmente o da sua igreja? Muitas respostas podem ser dadas, mas apresento algumas que são as que me parecem mais sólidas. Há aspectos também gerais, não de relacionamento pastoral. São aspectos que espero lícito esperar de um ministro de música. Vamos a eles, pois.

### 1. QUE O MM SEJA UM BOM CRENTE

Começo por aqui, pelo óbvio, sem qualquer pretensão de ser original. Não falo de ser uma pessoa convertida, o que seria o óbvio ululante de Nelson Rodrigues. Falo de alguém que ame o Senhor, que tenha uma vocação sincera, que queira servir, que mostre o caráter cristão na sua vida e nos relacionamentos, que tenha bom testemunho, que seja uma pessoa de oração. Parece que vou chover no molhado ou alar como professor de EBD, mas é necessário dizer isto porque temos esquecido de questões óbvias. E lembre-se que os professores de EBD têm causado menos males à igreja que os teólogos.

E isto, ser um bom crente, não é algo exclusivo do pessoal da área de música. Aplica-se a todos os que militamos no reino, exercendo funções e cargos. Tenho dito a seminaristas de teologia e a pastores a quem tenho falado que a maneira mais rápida de alguém fracassar no ministério pastoral é sendo um profissional de religião, alguém que trabalha por dinheiro ou simplesmente desempenha uma função de maneira burocrática. Digo sempre que a obra de Deus só pode ser feita passionadamente. Essa passionalidade não tem como alicerce a paixão pelo ministério. Até mesmo porque muita paixão pelo ministério é paixão por si, bem camuflada. É bom ter paixão pelo ministério, mas esta não é a base, o alicerce do serviço cristão. É uma das camadas postas sobre o alicerce. E é possível amar o serviço como fuga, sem amar as pessoas nele envolvidas, e o que é pior, sem mostrar amor a Deus.

A base de todo o serviço cristão é o amor a Deus. “O amor de Cristo nos constrange”, diz-nos Paulo em 2Coríntios 5.14. O reconhecimento do amor de Cristo, o relacionamento sério com Deus, o temor a ele, o respeito pelas coisas dele, do reino dele, são a base de uma vida cristã em geral, e de serviço, em particular. Cito Neemias 5.15, neste contexto: “Antes de mim, os governadores tinham sido uma carga para o povo e haviam exigido que o povo pagasse quarenta barras de prata por dia a fim de comprar comida e vinho. Até seus empregados exploravam o povo. Mas eu agi de modo diferente porque temia a Deus”. O temor a Deus foi a base da conduta de Neemias. Isto é o que chamo de seriedade espiritual. Integridade não é questão de ausência de falhas. É questão de uma vida séria e sem motivações espúrias. É questão de levar a sério o reino de Deus.

Quando falo de ser um bom crente, falo disto: de temer a Deus, de ser uma pessoa de bom testemunho cristão. Que seja pessoa de oração, que seja dizimista, mostrando que o senhorio de Cristo envolve seus bens. Que mantenha a família no caminho do Senhor, como Paulo pede dos pastores (1Timóteo 3.1-7). Neste texto, o apóstolo descreve atributos que são esperados em quem almeja o episcopado. Não são diferentes os atributos que se esperam de um Ministro de Música, que é uma pessoa de responsabilidade tão delicada na igreja. Quem não consegue deixar marcas de seu caráter na sua casa não pode ser líder na casa de Deus. Pessoalmente, sempre avalio os líderes pela forma como conduzem suas famílias.

Todos os ministros de música que tive foram homens e mulheres de caráter cristão. Por isto nunca tivemos problemas, porque eu também procuro cultivar o caráter cristão. O melhor antídoto a problemas de relacionamentos na liderança eclesiástica é subordinar os objetivos pessoais a Deus e ao seu reino. Ser um bom crente. Se todos forem, os problemas serão minimizados. O ministro de música deve ser um bom crente.

## 2. QUE O MM SEJA COMPETENTE SEM SER ESTRELA

Competência é fundamental em tudo que se faz. O que vale a pena ser feito deve ser bem feito. Do ministro de música se espera competência no exercício das habilidades musicais e do gerenciamento do ministério de música. E isto não apenas por causa do relacionamento com o pastor, mas para assegurar tranquilidade à igreja e autenticar seu ministério. E isto, a competência do ministro, dá muito descanso ao pastor. Gosto de trabalhar com responsabilidades distribuídas. Sinto-me muito seguro com o ministro de música de minha igreja. Sei que não preciso me preocupar com nada em sua área. Ele toma conta. E toma conta com eficiência. Costumo dizer às pessoas que trabalham comigo: “Se estiver dando certo, faça. Se tiver problemas, traga para mim”. Temos nos acertado. Eles me toleram por causa disto: o mérito é deles, os problemas são meus. E isto não é condescendência de minha parte. Faz parte de minhas atribuições como pastor. Os problemas devem parar na mesa pastoral.

Reconheço que nem sempre este relacionamento entre pastor e ministro de música é bom. Sei de pastor que hostiliza não apenas o ministro de música, mas qualquer outro líder, pois teme sombras. Quem é fraco teme sombras. Um ministro disse que em sua igreja o pastor chegava de manhã, ligava para sua sala, e lhe dizia: “Não se esqueça, o pastor da igreja sou eu”. Sei que é difícil trabalhar com gente medíocre assim, mas já enfrentei também situações de diáconos donos de igrejas, de membros que se julgavam acionistas majoritários porque davam o dízimo mais alto da igreja e outras coisas mais que nem vale a pena comentar. Afinal, para que ficar dando ibope para quem não merece? Mas não creio que nosso caráter como servos da igreja (e somos servos da igreja, não donos, pois o dono é Jesus) dependa de como os outros ajam. A atitude alheia pode ser errada, mas a nossa deve ser tomada com base em nossos valores e nossas perspectivas. Se o pastor é medíocre, o ministro de música deve ser bom. Se fizer sombra, que fique claro que agiu com lisura de coração. Nossa competência depende da seriedade com que encaramos nossa vocação e nosso compromisso com Cristo. Não depende de relação com outras pessoas.

Uma palavra sobre não ser estrela, que é a recomendação do título deste tópico. John Stott denominou uma das doenças da igreja contemporânea, de “holofotite”, o colocar-se sob holofotes. Pensei que o termo fosse de autoria do Pastor Renato Cordeiro de Souza, de quem ouvi a palavra pela primeira vez. Renato me disse que é de Stott. Creditemos a quem de direito. Há pastores com holofotite e outros, pior ainda, com outra enfermidade, a microfonite. Esta segunda se vê muito mais em assembleias convencionais. Mas parece-me que muitos ministros de música desejam ser mais conhecidos como artistas. Afinal, são músicos, e música é arte. Pregação é algo *démodé*. Ser picado pela mosca azul é muito sério.

Preguei em um congresso de jovens que teve a apresentação de um *superstar gospel*. O sujeito é da periferia de S. Paulo, mas se intitula de *gospel*. Sua entrada em cena foi deprimente,

digna de uma pessoa com problemas bem sérios. Luzes apagadas, rufar de tambores, luz sobre o cenário, ele de costas e virando-se lentamente. Então os instrumentos soaram ao máximo. A patuléia estrugiu. E eu me enojei. Deprimente! Quem é competente não precisa chamar a atenção para si. Como diziam os americanos do século 19: “Faça uma boa ratoeira e o mundo baterá à sua porta”. Faça seu trabalho com eficiência e você será reconhecido. Se uma pessoa busca reconhecimento, o que acho de certa forma justo, isto virá. Mas se busca aplauso ou primazia, incorre em erro. Billy Graham pregava em um lugar e lhe disseram que muitas pessoas tinham vindo de longe para vê-lo. Queriam tocá-lo e obter autógrafo. Sugeriram-lhe andar pelo meio do povo antes da pregação, para ser visto, tocado e dar autógrafos. Sua resposta foi seca: “Deus não reparte sua glória com o homem”. A glória não é nossa, mas de Deus. Não é preciso ser grosseiro, como naquela velha história do pregador que quando lhe disseram que o sermão fora bom, respondeu: “O diabo já me disse”. Isto não é humildade. É grossura. Aceite elogios, mas não se ensoberbeça. Aceite-os e dê graças a Deus que o capacitou e o instrumentalizou. Aceite e transfira a glória para ele.

Em outras palavras, se vier a brilhar, que isto não o ofusque. E que brilhar não seja sua meta. Mas ser útil, sim.

### 3. QUE O MM SAIBA TRABALHAR EM EQUIPE

Tinha elaborado um outro tópico, mas vi que ele se fundia com este. O outro é “Que o MM saiba implementar projetos dos outros”. Poderia fazer tópicos com conteúdo diferenciados, mas andaria muito perto. Fiquemos com um só.

Saber trabalhar em equipe significa saber implementar projetos dos outros. Significa não ter uma visão personalista. Há obreiros, tantos pastores como músicos, cuja perspectiva de trabalho lembra o samba de uma nota só. Só sabem aquela nota. Geralmente a nota é a deles.

Isto significa reconhecer que sua vontade deve ser compartilhada e, muitas vezes, deverá ser subordinada a de outros. Um conhecido treinador de futebol perdeu o emprego há poucos dias. É altamente personalista e vaidoso. Um atleta de Cristo comentou-me, sobre ele, que seu estilo de trabalho é este: “Eu ganhei, nós empatamos, eles perderam”. Quando o time perde, é nota 5.

Trabalhar em equipe significa saber reivindicar e saber ceder. Significa que nossa visão, que nos parece tão certa, deve submeter-se, em alguns momentos, à de outros, que lhes parece tão certa, e a nós, errada. Que nossa cultura e nosso jeito de ser deve ceder espaço ao de outros, em muitos momentos. Sou carioca, nascido na Praça Mauá, numa terça de carnaval. Pastoreei no interior de S. Paulo, a chamada “interlândia”. Interior bem interior. Tornei-me interiorano de coração. Tenho um filho nascido no belo e rico interior paulista. Pastoreei na grandiosa Sampa, a cidade que não dorme, a maior cidade do hemisfério Sul, minha paixão geográfica. Tenho uma filha paulistana. Pastoreei em Brasília, a cidade vestida de verde, a capital da esperança. Em tempo: não tenho filho candango. Pastoreei na Amazônia, um dos locais mais lindos do mundo. Sou manauara de coração. Também não tenho filho amazônida, mas tenho nora e neto paraenses. Voltei para S. Paulo, meu estado de coração. Estou em Campinas, a rica, culta, bela e limpa Campinas, onde residem 30% dos cientistas brasileiros. O PIB da Região Metropolitana de Campinas é 9,2% do PIB brasileiro, equivalente ao do Chile. Campinas é uma cidade à parte. Não é capital, mas não é interior. Tem 1.300.000 habitantes e é maior que muitas capitais. Trabalhei em lugares diferentes, com culturas diferentes, com igrejas diferentes. O que pregava em Manaus, uma igreja sólida, bem doutrinada, não servia para o Cambuí, uma igreja que passava por dificuldades. Em cada lugar aprendi. Em cada lugar as pessoas me enriqueceram. Procure aprender dos lugares onde trabalhar e aprenda das pessoas com quem lidar. Seja mestre, mas seja aluno. Aprenda com sua equipe.

Fuja da tentação simplista de tirar programas, soluções e projetos do bolso ou da bolsa. Aprenda com as pessoas, com a igreja, com a cultura local. Sonhe os sonhos deles. Veja a igreja

com os olhos deles. Se a visão deles for pequena, aumente-a. Chegue com humildade para aprender daquelas pessoas. Um curso de seminário não nos torna aptos em tudo nem nos dá a certeza de que nossos alvos são os melhores. Os outros sabem coisas que não sabemos.

Trabalhar em equipe e implementar projetos alheios é algo mais amplo que o citado acima, mas começa ali. Respeitando as idéias alheias, aprendendo dos outros. Meu ministério, meu estilo e minha visão hoje, no Cambuí, diferem bastante do que tinha em Manaus. Um ministro de música deve saber conviver com os sonhos alheios. Deve ter os seus. Deve lutar pelos seus. Mas deve evitar o erro de muitos pastores que dizem que Deus lhes deu um sonho ou uma visão, mas não deu à igreja. Em breve o trabalho se esfacela. O obreiro tinha visão, mas não sabia trabalhar em equipe. Tinha projetos, mas não sabia implementar os alheios. Isto tudo pode se resumir a uma questão bem simples: saber trabalhar em equipe. Ter uma equipe é diferente de ter um séquito. Ah, e algo muito importante: ame sua igreja! Ela deve ser a melhor igreja do mundo. Seu bairro e sua cidade devem ser os melhores do mundo. Ponha o coração no lugar, nas pessoas, no trabalho. Todas as vezes em que sou tentado a sair do Cambuí, penso em algumas pessoas de lá que amo muito, e das quais sentirei muita falta. Penso na cidade, que me fará muita falta. E fico feliz: amo minha igreja, o bairro do Cambuí, que é um charme à parte na charmosa Campinas, amo meu rebanho. Sou feliz ali. Às vezes me aborreço, às vezes aborreço o rebanho, mas aceitamo-nos e perdoamo-nos. Ali estarei enquanto Deus assim determinar, e com alegria.

#### 4. QUE O MM SAIBA LER A IGREJA TÃO BEM COMO LÊ MÚSICA

Cultivando este espírito anteriormente descrito, o ministro de música estará apto a ler bem a sua igreja. Para ler livros, é suficiente ser alfabetizado e saber decodificar certos símbolos, que chamamos de letras. Para ler gente é preciso ter sensibilidade. E para ler proveitosamente, precisa-se amar as pessoas. Quem ama os livros, quando os lê, aproveita-os melhor do quem lê por obrigação. Quem ama aquelas pessoas pode lê-las com coração e mais proveito. Tenho procurado ler o Cambuí e pude adaptar meu ministério às realidades e às necessidades da igreja. Sei quais são as pessoas nas quais posso confiar qualquer atividade ou até mesmo ser um pouco mais aberto em conversas. Já sei que algumas outras são pessoas com as quais preciso ser mais reservado. Escoro-me em algumas, nas horas difíceis, porque sei que são equilibradas e amorosas.

Haverá pessoas com as quais o ministro de música poderá contar em qualquer momento. Haverá pessoas que sempre estarão querendo ser papericadas. Aliás, a maior parte do trabalho pastoral é preparar mamadeiras. Crentes imaturos tomam a maior parte do trabalho pastoral. Ministros de músicas também precisarão saber preparar mamadeiras e lidar com gente imatura. Haverá bebês espirituais no Coral. Alguns quererão fazer solo em todo culto. Outras, no ígrejês de hoje, quererão “dar um louvor”. Mas não têm condições e a igreja sabe disso. E o ministro precisa saber também. Haverá uma hora de fazer afago, e haverá uma hora de ser ranzinza. Afague e seja ranzinza quando for o caso. O chato é que às vezes trocamos as bolas, mas como se diz por aí, faz parte. Não se consegue acertar sempre.

Descobriremos, com a prática de ler gente, que há pessoas que querem servir e que são serviçais. Outras há que amam o poder e farão de tudo para tê-lo. Estas são perigosas. Não hesitarão em remover obstáculos, mesmo que de forma traumática. O líder é sempre seu alvo e sempre é visto como um inimigo. Tenho experimentado que os maiores críticos do trabalho pastoral são pessoas com ambições eclesíásticas. Ou que as tiveram frustradas. E tenho visto também que os maiores críticos do ministro de música são aqueles que não conseguem se impor a ele. São as gargantas de ouro que querem cantar em todo culto, que pensam que sua voz é um dom de Deus ao mundo. Um crente sem escrúpulos é pior que um incrédulo sem escrúpulo. Mas eles existem, fiquem certos. Cedo ou tarde vocês os encontrarão.

Por isso, não desanime com choques nem com oposição. Em nossa cultura, a brasileira, só há um tipo de pessoa imune a crítica, de quem não se fala mal: o defunto. Pode ser o pior

patife, mas sempre será elogiado. Você não é um cadáver. Quando for, será elogiado, não se preocupe. Mas enquanto for vivo e for líder tomará bordoadas. Algumas justas, outras nem tanto, e outras absolutamente injustas. Se souber ler sua igreja, saberá quais críticas acatar e quais descartar. Saberá quais pessoas poderão corrigi-lo e quais serão apenas azedas. Ajudará também o cultivo de uma vida espiritual firme diante de Deus, para resistir a estas situações, bem como senso crítico para reconhecer quando está errado e quando está certo. Saiba se desculpar, saiba pedir perdão, saiba bater o pé. Tudo na hora certa. Para isso, é preciso discernimento. Está lá em Tiago 1.5: “Mas, se alguém tem falta de sabedoria, peça a Deus, e ele a dará, porque é generoso e dá com bondade a todos” (NTLH).

Ler a igreja significa saber o que tem em mão, saber o que pode exigir e o que pode esperar. E também saber o quanto pode dar e a quem dar. Significa ter expectativas bem como saber renunciar a algumas delas. Conseqüentemente, significa adaptar-se a situações. Mas significa, acima de tudo, continuar esperando no Deus que o chamou com uma santa vocação. O livro chamado “Gente” por vezes é frustrante. Mas, anime-se, porque o livro chamado “Vontade de Deus” nunca é.

## 5. QUE O MM TENHA VISÃO ANALÍTICA E PROPOSITIVA

Isto, que foi expresso em linguagem empolada, significa ter capacidade de análise crítica e apresentar propostas à luz de suas análises. Há pastores que a cada encontro que vão mudam de idéia ou de agenda ministerial. Encantam-se com o que ouvem e querem mudar tudo. A igreja é o laboratório e os crentes são as cobaias. Mal se acostumam a um modelo, surge outro. Falta senso crítico ao obreiro. Falta o domínio do tópico anterior: saber ler gente. Cada igreja tem um jeitão cristalizado há tempos, tem um determinado tipo de pessoas em sua membresia e em seus postos chaves, aquelas pessoas que formam opinião. Há projetos e modelos que dependem muito do tipo de pessoas para implementá-los. E também dos formadores de opinião na igreja.

Já me sucedeu de ir a uma igreja, que se candidatou a ser pastoreada por mim (não fui eu que a procurei e me candidatei, mas ela me procurou e se candidatou) e embora tivesse gostado muito dos crentes, tenha experimentado uma forte sensação: “Não fomos feitos um para o outro”. Não tínhamos o mesmo estilo. O que eles esperavam de um pastor eu não sabia dar. O que eu poderia dar não lhes era interessante. E eles gostaram de mim, mas também viram que eu não era a pessoa talhada para eles. Optaram por outro. E já recusei pastorado pelo mesmo motivo pelo qual não me convidaram. Como dizia um bloco carnavalesco carioca: “Nem melhor nem pior, apenas diferente”. Sem juízo de valor, apenas estilos diferentes. A liderança de uma dessas igrejas, cujo pastorado recusei, é tão minha amiga que sempre que vou à cidade, agendam almoço comigo. E seu pastor é meu amigo pessoal.

Sucede o mesmo com a área de música. Há igrejas com certos aspectos culturais específicos, bem distintos das demais. O povo está acostumado com solenidade, sobriedade, certo estilo musical mais clássico. E se vier alguém fogueteiro, o problema estará criado. Pode haver uma igreja fogueteira e um ministro mais clássico. Espera-se que haja bom senso de ambas as partes para entender que não foram feitos um para o outro. Se julgarem que devem tentar, que Deus os capacite para o entendimento e acerto. Do ponto de vista prático, saiba analisar as músicas e o estilo adequado para seu rebanho. Saiba apresentar propostas dentro da realidade dele. Crie um esquema de trabalho que se ajuste ao seu material. Aprenda a ler os seus liderados, ministro!

Um de nossos problemas mais sérios é o copismo. Algo deu resultado em uma igreja local. Outra igreja, bem diferente, em contexto diferente, copia o que aquela fez. E se dá mal. O ministro de música nem sempre terá em suas mãos um material humano semelhante ao de alguns colegas. Não deprecie seu material. Não se avalie pelo trabalho dos outros. Analise criticamente a sua realidade e proponha metas dentro de possibilidades alcançáveis pelas pessoas com as quais trabalha.

Ser original, no sentido de encontrar seu próprio caminho, pode ser algo muito trabalhoso. Pode ser que cultos ao ar livre, no Rio, dêem certo. O paulista do interior bem interior não parará nem para ver um coral com becas cantando ao ar livre. Não é de bom tom.

Presidi uma assembléia da Convenção Batista do Amazonas, na Ilha de Parintins. Convidamos o coral da PIB Indígena Saterê para cantar. Foi uma festa para nós, pelo menos pelo aspecto original. Mas eles mal disfarçavam o enfado com nossos hinos e cânticos. Nada dizia para eles. Os deles nos encantavam pelo ineditismo, mas deve ser muito chato para um sujeito citadino ouvir aqueles hinos em todos os cultos. Indígenas à parte, lembre-se: nem tudo serve para lugares diferentes, as pessoas são diferentes, as igrejas são diferentes. Saiba analisar isto e propor atividades e programas dentro da realidade em que trabalhar. Criar é mais importante que copiar.

### CONCLUSÃO

A recomendação de Jesus, de termos a simplicidade das pombas e a prudência das serpentes, cabe bem na conclusão desta palestra. Quando saí deste seminário, eu sabia tudo. Era um garoto, mas era formado neste seminário. Fui colonizar uma igreja que tinha 46 anos, o dobro da minha idade. Foi um fiasco. Anos depois voltei lá e pedi perdão porque tinha sido um mau pastor. Faltou-me prudência, faltou-me adaptabilidade. Sobrou-me empáfia.

Trabalhe, dê duro, continue a estudar, a crescer. Mas mantenha o amorismo de um iniciante. Matriculei-me neste seminário com 19 anos de idade. Minha primeira noite aqui, no velho prédio 18, foi algo tão comovente pra mim, que não conseguia dormir. Eu era seminarista. Os anos se passaram. Quando prego e há decisões, custo a dormir. Quando efetuo batismos, preciso de um chá calmante. Estudei, cresci um pouquinho, mas continuei iniciante. Tenho tantas falhas que às vezes me pergunto se não faria melhor deixando o ministério, para que Deus coloque outra pessoa melhor em meu lugar. Mas sempre peço a Deus para não me tornar um cínico, um relaxado ou um profissional de religião.

Peça a Deus que o mantenha com o mesmo espírito de quando você se sentiu vocacionado para o ministério. Se nunca se sentiu vocacionado, a história é outra. Mas se é, que Deus o mantenha sempre deslumbrado com sua vocação. Mesmo amadurecendo e crescendo, seja sempre um iniciante, um adorador, cheio de ardor.

Tenho dito.